

Andrade, Abrahão Costa. *O pote e a rodilha: tempo e imaginação como história por fazer segundo o pensamento de Paul Ricoeur*. Natal: EDUFRN, 2006. [Coleção Metafísica]. 134 páginas.

Glenn W. Erickson*

O presente livro é uma “revisão” de *Elementos de uma filosofia da experiência na obra de Paul Ricoeur*, tese de doutorado em filosofia na USP em 2001, sob a orientação de Olgária Chaim Feres Matos. Ele completou o doutorado com 27 anos de idade, o segundo mais jovem (eu tinha 26) entre os membros do DEFIL. A tese seguia uma dissertação de mestrado de 1998, *Razão e subjetividade em Paul Ricoeur*, da mesma instituição e orientadora, publicada em 2000 pela EdIPUC, de Porto Alegre, como *Ricoeur e a formação do sujeito* (105 páginas).

O autor é professor adjunto de filosofia na UFRN desde minha chefia em 2002. Bastante prolífico, Abrahão Costa Andrade também publicou uma coleção, *Angústia da concisão: ensaios de filosofia e crítica literária* (São Paulo: Escrituras, 2003). Antigamente ele participava na pós-graduação em filosofia, mas agora ele trabalha em literatura comparada, na pós-graduação em estudos da linguagem.

Não quero especular sobre o significado do título do livro, que é também o subtítulo do primeiro capítulo. Sem dúvida, a frase atinge um grau de poeticidade supimpa. Tal preciosidade é repetida quando Andrade cita um poema de duas estrofes de Castro Pinto (44). Ele já publicou um livro de poemas, *O idioma dos pães*, em 1996.

Temos de dizer o seguinte: o autor é um estilista de prosa sempre gratificante de ler, mesmo quando ele não está dizendo nada muito delineado ou direcionado. Como estilista da prosa, o gênero

* Professor titular do Departamento de Filosofia da UFRN. *E-mail*: ericksons@ufrnet.br.

dele não é exatamente a monografia acadêmica e sim, o ensaio polido. Nem o livro como um todo nem capítulo algum mantêm uma tese clara e sistematicamente articulada. Em todo ponto, a impressão é de um vai-e-vem, estilo “água e sombra fresca”, ao redor de um tópico que escapa a inconveniência de ser demasiadamente explicitado.

A tese tem seis capítulos (contrário à sabedoria de que o número de capítulos deve ser ímpar): “O difícil começo: o pote e a rodilha”, “Situação da filosofia & recusa do idealismo”, “Da reflexão à interpretação”, “Do tempo como narração e leitura”, “O sujeito na história”, e “O lugar da imaginação”. Falta Introdução e Conclusão, que foram tratados apenas como “À guisa de introdução”, “À guisa da conclusão”.

Conforme Andrade, Paul Ricoeur converge “três distintas tradições: a da filosofia reflexiva, a de fenomenologia husserliana e da filosofia da interpretação ou hermenêutica” (p. 14). Mas é difícil de entender estas tradições como distintas, uma vez que tanto a filosofia da reflexão (identificada pela referência a “Lachelier e Lagneau ... Karl Jaspers e Gabriel Marcel” (p. 14), quanto Husserl, representa neokantismo (intelectualismo), e que a hermenêutica de Heidegger (pois não de Freud) emerge das limitações da fenomenologia husserliana.

Em vez desta caracterização de Ricoeur, prefiro a de Herbert Spiegelberg (*The Phenomenological Movement*, 2.ed, 1965), onde, num adendo, Ricoeur figura como o mais promissor membro da terceira geração (depois a de Heidegger e a Sartre e Merleau-Ponty) de fenomenologia existencial. No caso, a terceira geração de fenomenólogos existenciais emergiu principalmente nos EUA, onde Ricoeur passou “anos de refúgio” depois de perder uma cadeira (de Jean Hyppolite) no College de France para Michel Foucault (Andrade, p. 18). [N.B.: o livro é cheio de fofocas interessantes]. Infelizmente para Ricoeur, a fenomenologia existencial foi superada pelo pós-estruturalismo do próprio Foucault e Jacques Derrida.

Eu mesmo fiz parte da quarta (e última!) geração de fenomenologia existencial, conhecendo *the great man* quando ele deu uma palestra pública em Vanderbilt University sobre a ontologia do indivíduo versus a ontologia da coletividade. Tanto quanto a gente entendia Ricoeur, que tinha um sotaque indecifrável em inglês, a sua preferência pelo individualismo (anglo-saxão, calvinista) sobre coletivismo (alemão, luterano) não precisava de argumento.

Meu primeiro emprego em filosofia foi lecionar na Southern Illinois University em Carbondale, em 1977-79. Outro professor empregado comigo foi Mark L. Johnson, que tinha acabado de completar uma tese sobre metáfora, sob a co-orientação de Ricoeur (que publicou o seu estudo de metáfora, *La métaphore vive*, em 1975). Depois de estudarmos Merleau-Ponty juntos, Johnson e eu escrevemos a quatro mãos um ensaio seminal sobre metáfora [“Toward a New Theory of Metaphor”, *Southern Journal of Philosophy* v. 18 (1980): p. 289-299] da perspectiva merleau-pontiana, ensaio cuja novidade foi exatamente a de superar, dentro de determinado contexto, o neokantismo e seu compromisso com o dualismo cartesiano.

Os trabalhos de Ricoeur parecerem ultrapassados já na hora que apareceram, porque ele nunca aceitou (diferentemente de Foucault e Derrida) a crítica da distinção sujeito-objeto de Heidegger (e Merleau-Ponty), tomando sempre o lado de Husserl (e Sartre). Heidegger projeta uma compreensão do fenômeno humano (Dasein) como, em uma primeira aproximação, uma comunidade prática-lingüística, e numa segunda aproximação, como compreensão de ente no seu ser. Enquanto tal, Dasein é anterior à diferenciação entre a subjetividade do sujeito e a objetividade do objeto. No intento de permanecer fiel à ontologia cartesiana, Ricoeur é similar ao outro neokanteano, Theodor Adorno, todavia menos trágico. Enquanto certa genialidade pormenorizada sustenta um interesse nos seus livros, eles não contribuem nada para a tarefa de delinear um sentido da sua época.

Tais coisas sendo como são, ou não, há tranqüilidade nas suposições de que os seus livros estabelecem Dr. Andrade como uma autoridade nacional sobre Ricoeur e de que ele ainda tem, à sua frente, toda a horizontalidade do tempo e, à sua disposição muito barro para mangas.